

## Dezembro vinte e cinco

Pedro Paulo V. A. Azevedo\*

*“ (...) Nós sabemos que, por caminhos diferentes, lutamos pelas mesmas coisas para os pobres homenzinhos.”  
(trecho de uma carta de Freud ao pastor Pfister)*

Às vésperas do século XXI fez-se sentir, dentro da comunidade psicanalítica, a premência de uma grande discussão sobre o estado atual da psicanálise. O questionamento de sua política e sobretudo de seu papel no enfrentamento dos dramas que se abatem sobre a humanidade. Em julho de 2000 na bela Paris no grande anfiteatro da Sorbonne, deu-se a convocação dos *Estados Gerais da Psicanálise*. Em outubro passado, em São Paulo, o Encontro Latino-americano e já agendado para 2002 o próximo encontro mundial no Rio de Janeiro. Meu trabalho versou sobre “O bem estar na cultura”. Será possível?

O século XX marcado que foi por períodos de grande dor e destrutividade, assistiu também a superação de incontáveis preconceitos, tendo contado para isso com as contribuições da psicanálise, não só pela sua aplicabilidade terapêutica como também pela originalidade de seu pensamento. Pensamento que exerceu influência nos diferentes campos da cultura e abriu enormes afluentes às artes e às ciências. A previsão de Freud se cumpriu e sua descoberta está incorporada ao acervo criador da história do homem.

Apesar disso, quantas vezes não ouvimos falar com desdém da vocação atéia da psicanálise, tendo sido Freud identificado como uma espécie de desavergonhado e execrável “*judeu ateu*”. Aquele que iria demolir as religiões através do poder da sua teoria do inconsciente. Sob a ótica da psicanálise Deus iria ser reduzido a uma simples fantasia do passado infantil que concebe de modo onipotente a figura paterna. Se apegam os detratores da psicanálise a atacar aquilo que percebem como diferente de si. Não conseguem discordar e exercer o RESPEITO A DIFERENÇA., para mim mais eficaz do que o “amai-vos uns aos outros”. Esquecem que muitas vezes o perigo não está na diferença, e sim na igualdade dos uniformes das milícias bélicas.

Se religião (no caso a fé cristã) e psicanálise não pudessem dialogar como explicar uma correspondência de mais de trinta anos entre Freud e o pastor Oscar Pfister? Como explicar meus ricos diálogos com meu grande amigo e compadre teísta Bernardo que costuma reproduzir o dito: “*Créus e incréus, ambos participam da dúvida e da fé*”. Como explicar que um psicanalista dos mais atuantes e expressivos da nossa lavra, o saudoso Hélio Pellegrino, iria conseguir

costurar psicanálise, política e religião? Entender que Hélio não experimentava nenhum incomodo de viver seu cristianismo dentro do seio da IPA ( *International Psychoanalytical Association*), a poderosa instituição fundada pelo pai da psicanálise? Praticar psicanálise e acreditar em Deus? Como entender?

A resposta está no um outro campo de atuação do legendário psicanalista. A POESIA. Através dela Hélio supera os impasses de nossas naturais limitações para entender e, sobretudo, amar a sociedade como um todo, com suas inúmeras diferenças. Identificado com o Cristo irá morrer de amor. Irá encarnar o “*Soneto do amor total*” de Vinícius de Moraes: “*e de te amar assim, muito e amiúde, é que um dia em teu corpo, derrepente, ei de morrer de amar mais do que pude!*”.

Vejo na experiência do cristo a estrutura modelar de alguém que morreu de amar mais do que pôde, sendo seu renascimento a poesia de sua história. É no momento de sua morte, radicalidade última de seu amor, que o cristo dá sentido ao seu nascimento. A rigor Jesus nunca nasceu, sempre renasceu. A estrela de Belém (tese) e a cruz (antítese), formam sua síntese na ressurreição.

O espírito do renascimento é portanto o maior legado de Jesus. É desse sentimento que brota a esperança e se edifica a busca pela vida. Se não pudéssemos renascer não poderíamos ultrapassar as mortes cotidianas, o que tornaria a vida inviável. Com a esperança do renascimento, da superação de nossas mortes passageiras, edifica-se os ideais fundamentais da vida. Afinal, sem ideais caminha-se sem rumo, e sem rumo perde a vida o sentido.

Festejar o dezembro vinte e cinco é mais do que comemorar o NATAL. É acreditar num RE-NATAL. Num morrer e renascer, num renascer até morrer, que seja. Num morrer até que se renasça, vá lá! O que importa de um modo ou de outro é dar sentido a vida. Uma das maiores críticas que faço ao atual modelo moderno é que este com todos os seus badulaques prontos para o consumo não conferem mais sentido a vida. Não faz sentido mercar tal data. É negociar o inegociável.

Se a opção de Jesus foi pelos pobres, se estes pobres precisam ser salvos e se foi em nome desta salvação que morreu o cristo, é indigno colocar a data de seu nascimento (renascimento) para gerar mais pobreza. Mas se isto é uma tendência imutável pode você não compactuar com ela. Pelos “*pobres homenzinhos*” freudianos – alusão a nós irmãos de humanidade – teria Jesus sangrado de amor até morrer. Mostra o nazareno na radicalidade de seu ato que não há espiritualidade desencarnada. Nada de blá, blá, blá .....

Comemorar o natal é reconhecer que a opção pela pobreza não pode ser retórica. Assim fosse, como lembrou Hélio Pellegrino, Deus

teria salvo o homem por decreto. Se brasileiro através de medida provisória. Não teria enviado um filho ao mundo com tal missão. Reconhecendo por meio de nossas atitudes a espoliação dos ricos sobre os pobres, as estruturas sociais iníquas, avarentas, egoístas, insensíveis e até cruéis que imperam, estaremos comemorando o natal.

Se na retórica é o homem pensado a imagem e semelhança de Deus não podemos assistir impassíveis dois terços de miseráveis condenados a morrer de fome no planeta, sem ver borrada essa imagem de similitude ao divino. Comemorar o natal é ser solidário em ato contra a miséria, a enfermidade e a dor. É condenar e combater na prática as medidas que ferem os humanos direitos em qualquer parte do mundo, execrando os crimes contra a humanidade e seus hediondos protagonistas, sejam eles terroristas avulsos ou do Establishment (como alguns presidentes de plantão e demais autoridades).

No combate a um mal de um paciente um médico religioso atuará do mesmo modo que um médico ateu, pois ambos tem um compromisso com a vida apesar de suas diferenças. Um psicanalista, um padre, um pastor, um curandeiro, ou qualquer um que busque de modo autêntico ser um cura de alma, deverá se debruçar sobre o mal que se abate sobre o outro. E este movimento clínico ( de inclinar-se sobre o outro) une a todos, independente das diferenças, volto a dizer.

Comemorar o natal é buscar encontrar na própria postura a impostura retórica que nos habita. Erradicá-la em nós mesmos antes de apontá-la no outro. É respeitar a diferença (“*a César o que é de César...*”) para fazer brilhar nossa luz divina, imagem e semelhança.

Feliz RE-NATAL!

\*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).